

SESC – DER NORTE 2

Projeto Escola e Artes

Setembro | Novembro 2019

Exposições de Artes Visuais

para alunos dos anos finais do Ensino Fundamental e alunos do Ensino Médio

Visitas às obras com a mediação de arte-educadores

RAIZ, MEMÓRIA E HUMANIDADE

Os trabalhos de arte apresentados tratam da construção da identidade, tanto individual como coletiva, a partir de quatro eixos de investigação: a ancestralidade, a memória, a experiência de alteridade e o pertencimento.

A exposição é a segunda parte de uma trilogia inspirada pela obra “Os Sertões”, de Euclides da Cunha, famoso relato publicado no início do século 20 sobre a Guerra de Canudos, quando o autor era correspondente do jornal O Estado de São Paulo. Dividido em três grandes blocos – a Terra, o Homem e a Luta – o livro se tornou um clássico e é referência para gerações de escritores desde sua publicação.

O primeiro ciclo desta trilogia de exposições foi inspirado por “A Terra”. Sob o título “Terra, Propriedade e Sociedade” ocupou os espaços expositivos no primeiro semestre. O atual faz referência a “O Homem” e o último, a ser realizado no primeiro semestre de 2020, deve tratar de “A Luta”.

A exposição em cartaz é composta por quatro módulos:

Fábula do olhar, de Virginia Medeiros (com intervenções de Mestre Julio Santos);

Nazaré do Mocajuba, de Alexandre Sequeira;

Pontes sobre abismos, de Aline Motta;

e Pertencença, de Mauricio Pokemon, Gê Viana e Rafael Ribeiro.

Dias 03, 04, 10, 11, 17, 18, 24, 25 de setembro, 01, 02, 08, 09, 22, 23, 29, 30 de outubro e 05, 06, 12, 13 de novembro.

Terças, às 8h30. Quartas, às 14h30 e 20h.

Fábula do olhar

de Virginia Medeiros (com intervenções de Mestre Julio Santos)

Como uma espécie de artista etnográfica, Virginia de Medeiros, no período de um mês e meio, instalou um estúdio fotográfico em dois refeitórios destinados a moradores de rua na cidade de Fortaleza. A artista retratou 21 moradores de rua numa série fotográfica em preto-e-branco, colheu depoimentos em vídeo sobre a história pessoal de cada um dos colaboradores e fez uma pergunta-chave que direciona e identifica a natureza da obra: Como você gostaria de se ver ou ser visto pela sociedade? Esta questão abre o campo de subjetividade dos indivíduos retratado que, fabulando sua condição, se fazem personagens da obra “Fábula do Olhar”. O momento da fabulação é esse, quando a diferença entre aquilo que é real e aquilo que é imaginado se torna indiscernível, quando por esse processo o indivíduo se constitui como um sujeito da cena e não como um mero objeto que é observado: criar um mundo, nele crer e se projetar. A artista convidou o fotopintor Mestre Julio Santos que, através da técnica da fotopintura digital, coloriu os retratos em preto-e-branco interferindo nas imagens de acordo com as revelações dos moradores de rua. Como resultado temos uma imagem-fabulosa que coloca em ação este jogo inelutável entre o real e o imaginário. Cada fotopintura é acompanhada por um texto literário, no qual o morador de rua se apresenta, fala do que é viver em situação de rua e faz a encomenda de sua representação.

Virginia de Medeiros

nasceu em 1973, em Feira de Santana, Bahia. Vive e trabalha em São Paulo. Seu trabalho converge de estratégias documentais, para ir além do testemunho, questionando os limites entre realidade e ficção. A artista lida com três pressupostos comuns aos campos da arte e do documentário: o deslocamento, a participação e a fabulação. Adaptando imagens documentais para usos subjetivos, pessoais e conceituais, propiciando a revisão dos modos de leitura e representação da realidade e da alteridade, atua na área de arte e tecnologia com ênfase em vídeo-instalação e audiovisual, sempre buscando convergir linguagens das artes e das mídias, expandido as concepções estéticas e tecnológicas a fim de gerar novas possibilidades expressivas.

Mestre Julio Santos

nasceu em 1944, em Fortaleza, onde vive e trabalha. Foi na Sociedade Cearense de Artes Plásticas (SCAP), que reunia artistas como Aldemir Martins, Mario Barata e Estrigas, além de seu próprio pai, Didi, que Julio Santos começou a trabalhar, aos 12 anos. No início da década de 70, contribuiu para a reativação do Foto

Paris, importante ateliê de fotopintura e estúdio fotográfico em Fortaleza. Em seguida, juntou-se a seu irmão Joaquim e a Antenor Medeiros (parceiro de seu pai Didi na fundação do Áureo Studio) para recuperar a sua oficina, formando a própria equipe de profissionais com garotos de rua. Poucos são os estúdios que ainda trabalham com retoque e restauro, como o Áureo Studio de Mestre Julio. Para superar as limitações técnicas, ele se atualizou aprendendo a trabalhar com programas digitais de reprodução e tratamento da imagem, ao lado de sua filha Rebeca. Julio Santos já expôs seu trabalho no exterior, como nas mostras coletivas Europália (Bruxelas, 2011); em Santo Domingo, na República Dominicana (2012), e em Montevidéu (2012), no Centro de Fotografia. Além de ter participado de outras mostras individuais, como na Choque Cultural, por ocasião do lançamento de seu livro, resultado do edital da FUNARTE, em 2010; e na Pinacoteca do Estado em 2012, com a mostra Interior Profundo.

**Pontes sobre abismos,
de Aline Motta**

Instigada pela revelação de um segredo de família, Aline partiu em uma jornada à procura de vestígios de seus antepassados. Ela viajou para áreas rurais no Rio de Janeiro, em Minas Gerais, Portugal e Serra Leoa, pesquisando em arquivos públicos e privados e, ao mesmo tempo, criando uma contra-narrativa do que geralmente se conta sobre a forma como as famílias brasileiras foram formadas. Com base em suas experiências pessoais, o trabalho pretende discutir questões como o racismo, as formas usuais de representação, a noção de pertencimento e identidade em uma sociedade que ainda tenta um ajuste de contas com sua história violenta e as noções românticas de sua louvada miscigenação.

Aline Motta

nasceu em Niterói (RJ), vive e trabalha em São Paulo. É bacharel em Comunicação Social pela UFRJ e pós-graduada em Cinema pela The New School University (NY). Combina diferentes técnicas e práticas artísticas, mesclando fotografia, vídeo, instalação, performance, arte sonora, colagem, impressos e materiais têxteis. Sua investigação busca revelar outras corporalidades, criar sentido, ressignificar memórias e elaborar outras formas de existência. Foi contemplada com o Programa Rumos Itaú Cultural 2015/2016 e com a Bolsa ZUM de Fotografia do Instituto Moreira Salles 2018. Recentemente participou de exposições importantes como "Histórias Afro-Atlânticas" - MASP/Tomie Ohtake, "O Rio dos Navegantes" - Museu de Arte do Rio/MAR e "Modos de ver o Brasil" - OCA/Ibirapuera.

**Nazaré do Mocajuba,
de Alexandre Sequeira**

Pesquisa desenvolvida nos anos de 2004 e 2005 no pequeno vilarejo de mesmo nome, localizado no município de Curuçá, no nordeste do Estado do Pará, na Amazônia brasileira. A partir da realização de serviços fotográficos solicitados pelos locais, como fotos para documentos ou de registros familiares, Alexandre é acolhido como um retratista da pequena vila e passa então a propor a troca de objetos pessoais, como cortinas, toalhas de mesa, lençóis ou redes, reproduzindo sobre eles a imagem de cada dono em tamanho real.

Alexandre Sequeira

nasceu em 1961, em Belém do Pará. Formado em Arquitetura pela UFPA em 1983, é professor da Faculdade de Artes Visuais da UFPA, com especialização em Semiótica e Artes Visuais. Mestrando em Arte e Tecnologia pela UFMG, desenvolve trabalhos em fotografia e participou de exposições no Brasil e exterior, como “Une Certaine Amazonie” (França), Bienal Internacional de Fotografia de Liège (Bélgica), “Quatro Artistas Brasileiros” (Canadá) e Projeto Portfólio, em São Paulo.

**Pertencença,
de Mauricio Pokemon, Gê Viana e Rafael Ribeiro**

Pertencer e as formas de pertencimento definem o que somos. Três artistas e trabalhos de fotografia que tem em comum o deslocamento de histórias, personagens e seus territórios. As imagens dialogam com o fotojornalismo político ao apresentar realidades como a higienização social em curso na Av. Boa Esperança - em Teresina (PI) - por Mauricio Pokemon, os indígenas urbanos, o apagamento das identidades e das origens - em São Luis (MA) - por Gê Vianna e a rua e a diversidade de seus habitantes, no bairro do Bom Retiro - em São Paulo - por Rafael Ribeiro.

Gê Viana

nasceu em Santa Luzia (MA), em 1986. Vive e trabalha em São Luis (MA). Sobre seu próprio trabalho, a artista revela que:

“Criar um caminho na arte hoje parte da ideia de denúncia, lançando mão das categorias estéticas. Penso no legado deixado pelos fotógrafos que denunciaram em cliques o cotidiano das grandes metrópoles, guetos e povos tradicionais. O meu trabalho se desenvolve no ato de fotografar corpos que assumem vários recortes

com a fotomontagem, retornando um segundo corpo e gerando lambe-lambe em experimentos de intervenção urbana e rural. Venho na busca por uma expressão artística não-linear, lanço-me sobre a pesquisa do corpo performático e dos corpos abjetos pela cultura colonizadora hegemônica e seus sistemas de arte e comunicação (corpos marginalizados e invisibilizados). Resolvi pesquisar a ‘imagem precária’ e os meios de apropriação das fotos históricas de fotojornalistas, já que na maioria dos meus trabalhos é possível ver o uso de outras camadas fotográficas”.

Mauricio Pokemon

vive e trabalha em Teresina (PI). O artista define sua fotografia como “retrato”, voltada ao registro de pessoas. “É uma fotografia humanitária, documentária mesmo”, declara. Uma das características marcantes do artista é a utilização do suporte “rua” para discutir questões urbanas por meio de suas fotografias. Desenvolveu trabalhos importantes, como “Ocupe a cidade” (2012) e “Existência” (2015), com grande notoriedade para esse último, que se encontra em pleno processo de desenvolvimento. Já participou de diversas exposições dentro e fora de Teresina, de forma individual e coletiva. Seu mais recente trabalho foi “Quintal” (2016), em que ele discute questões sobre esse espaço que dá nome ao projeto. Graduado em jornalismo, trabalhou em veículos da grande mídia e segue como fotógrafo e editor de fotografia da Revista Revestrés. Desde 2015 tem como principal ambiente de pesquisa a comunidade Boa Esperança, localizada na zona norte de Teresina, em sua condição de vulnerabilidade e luta por conta projetos de “modernização” impostos pela prefeitura da capital.

Rafael Ribeiro

é artista visual interessado pela intersecção entre arte, meio ambiente e educação. Formado em Direito (USP), vive e trabalha em São Paulo. O artista apresenta o ensaio “Rua Guarani”, que nasceu de seu interesse em habitar essa rua no bairro do Bom Retiro e conviver com as memórias, origens e gerações que compartilham esse espaço. A região, que no início do século 20 recebeu imigrantes da Europa e do Oriente Médio, nas últimas décadas passou a acolher grupos de sul-coreanos, bolivianos e chineses, com suas tradições, línguas e costumes, que interagem e fundam novas identidades nessa rua que recebe o nome de um povo que ali já não habita mais.